



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8038 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

UM PASSEIO ENTRE A AUTOBIOGRAFIA E A LITERATURA A PARTIR DOS POEMAS DA PROFESSORA MARIA CELESTE VIDAL

Alessandra Maria dos Santos - PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE

Raquel Barreto Nascimento - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

UM PASSEIO ENTRE A AUTOBIOGRAFIA E A LITERATURA A PARTIR DOS POEMAS DA PROFESSORA MARIA CELESTE VIDAL

1 INTRODUÇÃO

É de Giovanni Levi (1996, p. 168) a defesa de que “A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”. O autor destaca que o caráter social da biografia é o elemento que revela o homem/a mulher no seu tempo, bem como as influências do tempo sobre o homem/a mulher. Neste sentido, a biografia desvela as impressões dos sujeitos sobre sua temporalidade, demonstra também como ele se define e se reconhece em sua própria classe.

Uma biografia que parte do social é, portanto, caminho para a compreensão dos elementos que, situados nas experiências do biografado, revelam trajetórias, escolhas e correlações com o meio. Neste sentido, a biografia conserva a sua especificidade, mas, o meio e o ambiente são cruciais para caracterizar a atmosfera que senão explica, justifica trajetórias (LEVI, 1996). Deste modo,

[...] qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através dos seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas, ocorre em um contexto histórico que o justifica (LEVI, 1996, p. 176)

Neste sentido, é a partir de Edward P. Thompson que as histórias de vidas das pessoas comuns passam a ser contempladas, inclusive quando nos propomos a investigar a formação educacional destes sujeitos a fim de que seja construída uma História da Educação. Dentre os mecanismos utilizados para a compreensão das trajetórias de pessoas comuns, “[...] a Interdisciplinaridade pode ser uma solução para estudar os diversos aspectos do Universo que cerca o indivíduo” (OZELAME & OLIVEIRA, 2017, p. 74). Neste sentido, enquanto proposta de interdisciplinaridade para esta investigação, nos amparamos nos recursos da história e da literatura, uma vez que nos propomos a analisar, sob a ótica dos referenciais teóricos, os poemas produzidos pela professora Maria Celeste Vidal e como eles se apresentam enquanto retrato de sua vida familiar, formação escolar e também militância política, o que se configura enquanto aspectos de sua atuação docente.

Maria Celeste Vidal, personagem cujos poemas aqui são interpretados, formou-se professora primária em 1945 e passou a exercer a docência em cidades interioranas de Pernambuco. Foi em Vitória de Santo Antão (PE) que viu sua militância política aflorar-se, revelando-se como verdadeira protagonista dos acontecimentos sociais que se desenvolveram no interior pernambucano às vésperas de 1964. Liderou, ao lado de Zé Ventania, João Alfredo, Luiz Serafim, dentre outros, o movimento recém formado das Ligas Camponesas, sediadas no Engenho Galiléia, localizado no referido município e resistiu ao golpe civil militar instaurado no país em 1964. A professora saiu em defesa do então governador do estado Miguel Arraes – que em decorrência do golpe estava sendo deposto e preso - convocando os camponeses à resistência.

Maria Celeste Vidal era conhecida em Vitória de Santo Antão por sua atuação professoral e também pelo seu envolvimento com a causa agrária, e justamente por seu envolvimento político, foi apontada pelo IV Exército - tão logo se instaurou o golpe - como subversiva, sendo conduzida para a Casa de Detenção do Recife (PE) ficando ali detida e tendo seus direitos de cidadã usurpados. De formação escolar católica, esposa e mãe de três filhos, se tornou mais uma vítima da repressão institucionalizada por ter erguido a bandeira das reformas de base.

Antes, durante e depois de sua prisão, se dedicou a escrita de poemas que retratavam a realidade que vivia: os movimentos políticos que tiveram participação de seus familiares ainda em sua infância; indícios de sua formação escolar; as vivências de seu cotidiano durante a infância; as torturas sofridas durante sua prisão; a condição da mulher frente às dificuldades de seu tempo, seus desafios, sobre seus filhos, dentre outros temas caros a sua história e ao seu tempo.

Seus poemas, fonte de análise literária e especialmente histórica, resultaram em livros que hoje se constituem como um de seus muitos legados. Uma vez que Maria Celeste Vidal os escreve a partir de sua realidade e neles deposita suas impressões, compreender o seu contexto histórico se apresenta como meio privilegiado para o estudo biográfico porque como atenta Giovanni Levi (1996, p. 176), “[...] não se trata de reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais”.

Neste sentido, esta produção esta produção tem por objetivo a análise de suas produções e a compreensão de sua trajetória a partir do método biográfico, uma vez que consideramos que a biografia preenche um lugar que a historiografia

[...] por si só não ocupa, aquele das “irrelevâncias” (principalmente na biografia jornalística onde há um excesso de detalhes) e, por meio delas, a individualidade seria realisticamente trazida à tona. Os detalhes pertencem às incontáveis minúcias do prosaico cotidiano e contribuem para dar vida a indivíduos tidos, até então, quase como fantásticos (OLIVEIRA, 2012, p. 12)

Tal análise depende também do amparo nos referenciais teóricos que contribuem para compreensão de sua trajetória e das circunstâncias sob as quais produziu os seus poemas, bem como da importância desta produção para o campo da literatura. O estudo de sua trajetória se torna possível sob a ótica do historiador inglês Edward Thompson (1981) que defende a construção de uma narrativa histórica que seja capaz de contemplar as pessoas comuns e seus feitos cotidianos, uma vez que todo acontecimento histórico pode ser investigado a partir da experiência humana, tornando estes indivíduos fundamentais para a compreensão do fato histórico. Experiências estas que se dividem, de acordo com o autor, em duas categorias: a experiência vivida e a experiência percebida. Isto porque

[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem certos praticantes teóricos) como instinto proletário, etc. Elas experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou (através das formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1981, p. 189)

Deste modo, as experiências de Maria Celeste Vidal se dão nas perspectivas já elencadas: a vivida, que se reflete tanto em sua atuação professoral quanto em sua atuação política e a percebida, que se dá quando esta personagem expressa as suas percepções e impressões do mundo em que vive em forma de poemas. Ademais, Ferrarotti (1983) defende a possibilidade de se conhecer o coletivo a partir das experiências individuais dos diferentes sujeitos, afinal “Se nós somos, se cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma práxis individual.” (FERRATOTTI, 1983, p.51).

Nesta perspectiva, a definição mais simples que podemos ter de um texto autobiográfico de acordo com Philippe Lejeune (2008, p. 16 apud SILVA, 2018, p. 09), é de uma “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Assim, é justamente neste grupo de autobiógrafos que buscamos inserir, nesta investigação, Maria Celeste Vidal a partir de seus poemas.

2 DESENVOLVIMENTO

Mãe, mulher, esposa, professora, nordestina e poetisa: estas são apenas algumas das muitas características de Maria Celeste Vidal. Nascida, em 1929, no interior da Paraíba, no município de Águas Brancas, cursou o ensino primário na Escola Pública de Águas Brancas, o que se tornou possível também em decorrência das reformas educacionais empregadas durante o Governo Vargas, que foram guiadas pelos ideais modernizadores. Ao concluir o ensino primário, foi incentivada por seu pai, José Freitas Vidal, a cursar o Pedagógico, o que se deu no Internato Católico Sagrado Coração de Caruaru, dirigido pelas Irmãs Beneditinas, formando-se em 1945.

Já formada no Curso Pedagógico, tendo obtido experiência como professora e atuando na Secretaria Assistente enquanto mediadora entre os camponeses e o governo do estado, possuía recursos oratórios que a possibilitou falar com clareza aos trabalhadores rurais e por eles ter reconhecimento. Apesar do seu legado nas Ligas Camponesas e pela sua bravura ao resistir ao golpe militar, Maria Celeste ficou também conhecida pelos seus belos poemas,

retratos dos aspectos de suas vivências.

Sobre a sua infância, o poema “Pretensão do amor maior”, destaca, de um lado, a saudade de sua terra natal e das práticas culturais vivenciadas por ela, e de outro, o seu desejo de suprir as necessidades visíveis e invisíveis de seu povo:

Quis ser o leite de vaca de toda criança pobre. O livro pra ensinar ler, a coragem pra ser forte. A justiça pra dizer sim. Quis ser a mão sempre aberta com disposição de dar. A idéia pra nunca calar. A pulga no seu colarinho pra você se inquietar. O fogo no fogão da miséria disposto a cozinhar. O preço bem congelado pra você se alimentar. Quis ser a pomba da paz, o censo, a lógica, a razão, pra em genebra dizer sim, na rodésia dizer não. Quis ser o treze de maio do começo até o fim. Lamento com todo esse amor, não ter libertado a mim (VIDAL, 1977, p. 09)

Nos versos acima elencados, a professora Maria Celeste demonstra o seu desejo por justiça social, anseio que marcou toda a sua trajetória. Desde o período de sua formação educacional, protestava contra as injustiças cometidas no Colégio Sagrado Coração, como é o caso da vez em que “[...] ousou fazer um movimento de arrecadação de fundos em prol de uma colega que não poderia fazer as provas porque o pai não conseguia pagar a mensalidade” (JINKINGS & PIRES, s/d, s/p).

Nesta seara, a resistência de Celeste – que se expressava desde sua juventude – marcou a composição de diversos outros poemas, que glorificavam a liberdade e os caminhos democráticos a serem trilhados pelo Brasil tão logo deu-se o fim do regime civil militar e o processo de redemocratização do país. Foi em 1994 que escreveu “Nossos Caminhos”, um poema para Lula, à época candidato à presidência e que durante o regime civil militar liderou greves operárias:

Desenhando estrelas, apontando o sol caminhamos. Enfrentando açoites, segurando o vento acreditamos. Juntando gravetos, fizemos fogueiras que espalharam luz. Nas folhas de outono soltamos convites de PAZ. Nas rugas de rostos, renasceram risos e confiamos. Nos milhões de planos de felicidade para todos, sonhamos. (VIDAL, 1994, p. 10)

A opressão e as práticas coercitivas são evidenciadas no referido poema ao passo em que Maria Celeste revela a importância de “enfrentar os açoites” e “fazer fogueiras que espalham a luz”. Neste sentido, a professora e poetisa pontua, a partir de suas próprias experiências, que a democracia pode prevalecer a partir da luta coletiva ou, até mesmo, a partir de ações individuais que repercutem no conjunto de indivíduos. É este o seu caso, uma vez que a partir de sua formação educacional e autoformação política foi capaz de lutar em prol dos direitos de sua comunidade e ainda, nos deixar um legado de resistência e enfrentamento.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Ao estudarmos a vida de Maria Celeste Vidal, atentamos para os percursos formativos percorridos por esta personagem, que se insere na história pernambucana também como símbolo de resistência. Ao investigarmos a sua trajetória, nos defrontamos com diferentes aspectos dos caminhos educacionais e políticos vividos por ela. Tais descobertas foram possíveis a partir dos documentos oficiais produzidos pela Secretaria de Segurança Pública durante o regime civil militar e disposto nos arquivos do DOPS/PE, e também por seus

registros profissionais e entrevistas realizadas com seus filhos Murilo Vidal e Paulo Vidal.

Seus poemas, produções também autobiográficas, se apresentaram como rica fonte de análise para conhecermos a sua trajetória e impressões do mundo em que viveu. Tal movimento fora possível quando nos dispusemos a estabelecer pontes entre a história e a literatura ao passo

em que nos amparávamos nos referenciais teóricos que nos forneceram aparatos para esta investigação. Deste modo, para Martins e Cainelli (2015), o diálogo entre esses dois campos se desenvolveu no Brasil a partir dos anos 1990, sendo as discussões formuladas por estes pertencentes à História Cultural.

Ao nos ampararmos no uso da Literatura enquanto fonte histórica nos preocupamos em investigar se os elementos do passado expressos pela autora estão de acordo com a historiografia, uma vez que como adverte Martins e Cainelli (2015), esta não é a intenção do literato, apenas do historiador. Neste processo, nos defrontamos com a possibilidade de conhecer aspectos do regime civil militar no Brasil, bem como atentar para a posição em que as mulheres que faziam oposição política foram colocadas, uma vez que o processo de silenciamento destas se inicia desde a composição patriarcal da família e da sociedade até a própria repressão institucionalizada pelo Estado.

4 CONCLUSÃO

Sim, eu sou uma mulher liberada, e daí? Se me perguntas, no entanto, és livre? Eu te respondo, nem tanto. Ouço esse grito perto e distante, esse soluçar constante a ecoar no mundo. Vejo tanto olhar perdido, corpos sofridos a estender as mãos. A liberdade não é no singular, é a soma de tudo, de todos. É plural, a começar assim: por mim, por ti, por nós. Liberada eu sou, mas não foi fácil, nem vai ser facilmente conquistada a libertação da mulher. Eu consegui, mas não sou nada especial, nem coisa rara, nem iluminada, só sou muito diferenciada de você, mulher passiva, acomodada, conscientemente, ou não, explorada, esperando, ou não, acontecer. Eu, ao invés de me limitar a ver, quis olhar, em vez de só poder ouvir resolvi falar, em vez de só poder tocar, resolvi sentir profundamente, em vez de ter meu corpo indisposto, mas pronto para uso, me fiz dona de mim, e este abuso não vai mais acontecer. Brindes à mulher “Santa-mãe”, “esposa-fiel”, “dona-de-casa-exemplar” [...] sempre foram erguidos em taças de fel. (VIDAL, 1994, p. 12)

É assim que Maria Celeste Vidal inicia o seu poema “Abelha Operária” – escrito durante o período em que esteve encarcerada na colônia penal feminina Bom Pastor -, destacando a necessidade de libertação da mulher frente aos desafios impostos por uma sociedade marcadamente patriarcal, autoritária e também elitista sob a qual vivia. Por ter sido alvo do regime civil militar, foi vilipendiada de seus direitos de cidadã, sendo impossibilitada de acompanhar de perto o crescimento de seus filhos e de atuar enquanto professora primária.

Ao nos defrontarmos com os referidos versos, nos propusemos a pensar em que tipos de “libertação” Maria Celeste se referia: andar livremente pelas ruas? Atuar politicamente sem julgamentos? Ocupar cargos públicos onde a presença masculina era majoritária? Apoiar quaisquer organizações que lhe conviessem?

Neste sentido, constatamos que Maria Celeste considerava que apesar de ser liberada, não tinha a total liberdade de seus atos. Tal afirmação se acentua ao nos debruçarmos em seu

depoimento em 01 de agosto de 1964, quando esta afirma que antes de candidatar-se à vereadora do município de Vitória de Santo Antão, teve que conseguir a autorização do seu esposo. Tal afirmação nos revela que, mesmo sendo a referida professora, uma mulher atuante politicamente, ainda se via presa por amarras próprias de uma sociedade pontifícia. Deste modo, nos já elencados versos, a autora expressa notória preocupação com o tratamento direcionado às mulheres que ousavam ser livres.

Assim, ao nos aprofundarmos na biografia, aliada ao contexto histórico, para compreender a trajetória de uma mulher que, imersa em sua realidade, produziu suas próprias impressões sobre seu tempo, evidenciamos o que expõe Levi (1996) quando afirma que “[...] a meu ver a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – da liberdade que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais são isentos de contradições (LEVI, 1996, p. 180). Sigamos!

Palavras-chave: Autobiografia. Literatura. Maria Celeste Vidal.

REFERÊNCIAS

FERRAROTTI, F. **Autonomia do método biográfico**. In: Um método autobiográfico e a formação. Org. Antônio Nova. Editora UFRN, 1983.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-182.

MARTINS, Maria C. CAINELLI, Marlene R. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história**. VII Congresso Internacional de História. 2015.

OLIVEIRA, Manoela Hoffman. **História ou literatura? O caráter épico da biografia**. Nº 30. Língua e Literatura: 2012. p. 11 – 32.

OZELAME, Josiele K. C. OLIVEIRA, Raíza B. **Literatura e história: aproximações e distanciamentos**. V. 9, n. 18, Revista Nupem: Campo Mourão. Set/dez. 2017. P. 73 – 81.

SILVA, Kaline C. **Autobiografia x escrita de si**. V. 7, n 1. Revista Letras Raras: 2018.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VIDAL, Maria Celeste. **Metade sol, metade sombra**. Editora Bagaço: Recife, 1994.

_____. **Poemas a meio pau e versos de viola**. [s. n.], 1977.